

JUVENTUDES

IBERO-AMERICANAS

DILEMAS CONTEMPORÂNEOS



Organizadores:

Victor Hugo Nedel Oliveira

Rosane Castilho

Cristina Pereira Vieira

Susana Henriques

ARCO
EDITORES ● ● ●

JUVENTUDES

IBERO-AMERICANAS

DILEMAS CONTEMPORÂNEOS

Organizadores:

Victor Hugo Nedel Oliveira

Rosane Castilho

Cristina Pereira Vieira

Susana Henriques

ARCO
EDITORES ●●●

Esta obra é de acesso aberto.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.



CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva, UNIDAVI/SC.

Profa. Msc. Jesica Wendy Beltrán, UFCE- Colômbia.

Profa. Dra Fabiane dos Santos Ramos, UFSM- Santa Maria/RS.

Profa. Dra. Alessandra Regina Müller Germani, UFFS- Passo Fundo/RS.

Prof. Dr. Everton Bandeira Martins, UFFS - Chapecó/SC.

Prof. Dr. Erick Kader Callegaro Corrêa, UFN- Santa Maria/RS.

Prof. Dr. Pedro Henrique Witchs, UFES - Vitória/ES.

Prof. Dr. Thiago Ribeiro Rafagnin, UFOB.

Prof. Dr. Mateus Henrique Köhler, UFSM- Santa Maria/RS.

Profa. Dra. Liziany Müller, UFSM- Santa Maria/RS.

Prof. Dr. Camilo Darsie de Souza, UNISC- Santa Cruz do Sul/RS.

Prof. Dr. Dioni Paulo Pastorio, UFRGS - Porto Alegre/RS.

Prof. Dr. Leonardo Bigolin Jantsch, UFSM- Palmeira das Missões/RS.

Prof. Dr. Leandro Antônio dos Santos, UFU– Uberlândia/MG.

Dr. Rafael Nogueira Furtado, UFJF- Juiz de Fora/MG.

Profa. Dra. Angelita Zimmermann, UFSM- Santa Maria/RS.

Profa. Dra. Francielle Benini Agne Tybusch, UFN - Santa Maria/RS.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Juventudes ibero-americanas dilemas contemporâneos
[livro eletrônico] / organização Victor Hugo
Nedel Oliveira...[et al.]. -- Santa Maria, RS :
Arco Editores, 2022.

PDF

Vários autores.

Outros organizadores: Rosane Maria de Castilho,
Cristina Pereira Vieira, Susana Henriques.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5417-023-9

1. Artigos - Coletâneas 2. Juventude - Aspectos
sociais 3. Juventude - Educação 4. Juventude -
Participação política I. Oliveira, Victor Hugo Nedel.
II. Castilho, Rosane Maria de. III. Vieira, Cristina
Pereira. IV. Henriques, Susana.

22-118578

CDD-306.432

Índices para catálogo sistemático:

1. Juventude : Educação e cultura : Sociologia: 306.432

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



10.48209/978-65-5417-023-9

Diagramação e Projeto Gráfico: Gabriel Eldereti Machado

capa: Adolpho Rodrigues

Revisão: Organizadores e Autores(as)

ARCO EDITORA

Telefone: 5599723-4952

contato@arcoeditores.com

www.arcoeditores.com

CAPÍTULO 3

CULTURA JUVENIL NO ENSINO MÉDIO, PRESENTE!¹ ARTICULAÇÕES ENTRE AS EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS COM O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Manuel Benjamin Monteiro Liberal Sousa

Juliana Ribeiro de Vargas

Doi: 10.48209/978-65-5417-023-3

Introdução

A escola é vista, de modo geral, como o lugar onde se tem acesso aos conhecimentos produzidos culturalmente, um ambiente que prevê ao final de sua formação, um sujeito apto intelectualmente e eticamente para “escolher” o caminho que seguirá após (aproximadamente onze) anos de exposição neste ambiente. Este sujeito, aqui delimitado por “questões de pesquisa”, se trata do(a) estudante da rede pública que atualmente está cursando ensino médio. Um(a) jovem, geralmente entre catorze e dezoito anos que possui suas particularidades, experiências, e sonhos, muitos deles atrelados à escola e seus desdobramentos.

1 O uso do termo “presente” no título do capítulo, (referente à resposta que o aluno fala no momento da chamada) foi inspirado em Kanashiro e Miranda (2020), que utilizaram o mencionado termo para problematizarem o apagamento e a resistência da língua espanhola no currículo brasileiro.

Por mais reducionista e homogênea que essa imagem de aluno-jovem mencionada acima possa ser, ela parece carregar o que se entende como “normal e naturalizado” sobre quem ocupa os bancos de sala da escola do ensino médio, sendo útil inicialmente para nos posicionar em um cenário onde a escola é palco de (des)encontros entre a bagagem que os jovens e os professores carregam.

Ainda nos dias de hoje, muitos professores parecem desprezar a bagagem que os jovens trazem sobre o conhecimento de língua inglesa (assim como em outras disciplinas), priorizando nas aulas dessa disciplina a abordagem de regras e atividades pouco relevantes para o desenvolvimento da competência comunicativa do discente, ou afastadas dos usos de língua que os alunos realmente operam em seu cotidiano.

Destaca-se que, em muitos aspectos, o ensino de língua inglesa na sala de aula da rede pública, ainda mantém uma perspectiva reducionista da tradução da palavra e da frase descontextualizada, além do ensino de regras gramaticais com fim em si mesmas. Por muitas vezes, essas abordagens da língua desmotivam os alunos e os leva a conferir ao componente curricular “inglês”, o status de “disciplina da gramática/das regras”, de “disciplina difícil de aprender” ou estigmatizar a crença de que não se aprende inglês na escola.

Defendemos que o ensino de língua não se reduz ao entendimento do sistema linguístico, devendo este estar relacionado a práticas discursivas orientadas pelas experiências dos alunos, usuários da língua. Ao que parece, a escola tem negligenciado a aprendizagem de língua inglesa com base na prática social e na experiência do discente, focando o ensino de língua, na maioria das vezes, no ensino de regras, mediado principalmente por meio dos livros didáticos e materiais em áudio e vídeo, (PAIVA, 2018), e em muitos casos apenas pelo uso de livros, “deixando ao aluno a tarefa de viver experiências fora da sala de aula” (PAIVA, 2018, p. 1327).

Abordar a língua inglesa (ou de qualquer disciplina) considerando a experiência dos alunos continua parecendo algo desconfortável dentro dos moldes de ensino gramatical ainda encontrados na escola, por atingir diretamente a uma estrutura de ensino (consolidada) voltada ao ensino da norma e não para as vivências dos alunos.

Soma-se a isso, o excesso de objetividade da escola que pesa sobre o aluno a necessidade de acúmulo de informação, não possibilitando a este sujeito o pensar sobre o que foi extraído dentro da sala de aula ou sequer lhe possibilitar tempo para processar essas experiências. O aluno está cada vez mais tempo dentro da sala de aula e ao mesmo tempo, se encontra com menos tempo para abstrair as informações.

Assim, a experiência acaba sendo entendida apenas como “aquilo que passou”, “aquilo que o aluno viveu”, e se tratando do modo como a escola está organizada no contexto neoliberal, como “aquilo que o aluno aprendeu para usar no mercado de trabalho”, conceito este que difere do que propõe Larrosa (2002).

Para Larrosa (2002, p. 21) a experiência tem singular importância na vida do indivíduo, pois ela se refere a algo “que nos passa, o que nos acontece”, um acontecimento externo ao sujeito que não depende dele, mas que o toca, (o sujeito é o lugar da experiência). Esse sujeito, aqui delimitado como aluno, traz uma enorme gama de atravessamentos culturais que nos possibilita inferir que suas vivências, de algum modo, são permeadas pelo uso da língua inglesa, podendo o conhecimento dessas experiências ser produtivo ao ensino de língua e ao professor.

Larrosa (2002) indica quatro elementos que obscurecem a possibilidade de “ser pego” pela experiência: primeiro, o excesso de informação; segundo, o

excesso de opinião; terceiro, a falta de tempo; quarta, excesso de trabalho, assim o sujeito moderno se refere a um sujeito muito informado, que possui opinião, sempre agitado e em movimento. Se olharmos mais a fundo, não é difícil imaginar que a escola parece encapsular com muita habilidade esses elementos obscurecedores da experiência, colocando-os em funcionamento quase que de modo imperceptível em nome da racionalidade neoliberal.

Por isso, considerando esses elementos descritos por Larrosa, nos questionamos se algo realmente acontece nas aulas de língua inglesa, se algo consegue, “de fato” tocar algum aluno, ou se este sujeito apenas é conduzido a sala de aula para ser exposto a diversas informações (gramaticais, fonéticas...), construir diversos juízos de valores (sobre a língua e sobre o falante), ser abarrotado de tarefas e exercícios estando obrigado a cumprir prazos cada vez mais curtos.

Acreditamos que dentro do ambiente escolar, diversas coisas tocam os alunos durante o longo tempo que passam na escola: as amizades, os romances, os eventos, as conquistas, as vitórias e derrotadas, os professores e profissionais. De modo geral, as experiências relacionadas às práticas culturais escolares marcam muito mais os alunos do que os conteúdos dos componentes curriculares, provavelmente porque essas experiências estão diretamente ligadas às culturas juvenis em que estão inseridos esses estudantes, diferente dos conteúdos curriculares, que na maioria dos casos, pouco se aproximam dos interesses desses jovens (DAYRELL, 2007; VARGAS, 2015).

Isso pode nos levar a refletir que talvez as experiências dos alunos não são levadas em consideração nas aulas língua inglesa, que as experiências fora da escola não são trazidas para dentro desse ambiente, ou não encontram pontes para ali serem cotejadas e contempladas. De acordo com Vargas (2015)

É possível pensar que encontramos na contemporaneidade, juventudes que constroem seus saberes em lugares diversificados: nas ruas, nas mídias, nas redes sociais, entre outros. Ou seja, os saberes constituídos pelos jovens, em especial por aqueles que estão situados em espaços urbanos, não ocorre somente na família e na escola (VARGAS, 2015, p. 57).

Para que a escola estabeleça diálogo com a cultura juvenil é necessário um exercício de atenção à experiência do aluno e à voz destes sujeitos. Significa borrar os limites tão naturalizados entre a autoridade do professor sobre o aluno, para perceber este aluno como alguém que faz parte do processo curricular. Para isso, de acordo com Larrosa (2002, p. 24) é necessário

um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Geralmente nas aulas de língua inglesa (e nas demais disciplinas), o professor já conta com um conteúdo programático e um plano de aula previamente elaborado para disponibilizar aos alunos conceitos e regras que supostamente os proporcionarão algum tipo de saber.

Na maioria das vezes, esses saberes pouco se aproximam ou “conversam” com os saberes que os discentes já trazem (de fora da escola) para escola. Saberes estes obtidos por meio de sua experiência nos mais variados locais possíveis. Isso porque esses locais também “operam como professores” e fornecem ensinamentos. No caso específico desta discussão, ensinamentos sobre a língua inglesa, não apenas sobre sua pronúncia ou escrita, mas também sobre seus usuários, sobre condutas e sobre identidades que são forjadas ao se entrar em contato com essa língua.

Essas formas de pedagogias colocam sobre suspeita a noção de que o ensino (de língua inglesa) se dá de forma desinteressada e neutra, bem como perturba a ideia de que a aprendizagem tem lugar certo para acontecer e alguém certo para fornecê-la. No que se refere à língua inglesa, cujo acesso não está presente apenas na escola, é mais palpável perceber que muitos lugares da cultura podem ensiná-la, ou pelo menos mencioná-la, demarcando de algum modo “seu território”.

Desenvolvimento da atividade proposta

Nesse sentido, partindo das experiências dos alunos permeadas por sua condição juvenil, foi inicialmente proposto aos discentes (durante as aulas de língua inglesa) que relatassem qual atividades representavam a eles um “ponto de encontro” entre eles e a língua inglesa, sendo identificado o uso do celular e a audição de música como os mais frequentes meios de acesso a essa língua. A partir daí, foi proposto a três turmas de 1º ano do ensino médio a seguinte atividade: ouvir a música “*Same Mistake*”² do autor/compositor e cantor James Blunt; responder um questionário sobre o conteúdo referente a gravação de vídeo no TIK TOK realizada pelo cantor; assistir ao vídeo do TIK TOK e ao vídeo da música em redes sociais/*streams*; traduzir a música; encaminhar um comentário em inglês ao cantor da música por meio das redes sociais; e, cantar

2 A presente música foi selecionada pelo fato de que no período em que a atividade estava sendo elaborada (outubro de 2021), circulou nas redes sociais um vídeo gravado pelo cantor James Blunt no aplicativo TIK TOK, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=z7UfGGx3vtI>. No vídeo o cantor inglês aparece dançando e cantando a música brasileira “Coração Cachorro” apresentada pelos cantores Ávine Vinny e Matheus Fernandes. Por meio do site *James Blunt posts a video dancing to the hit “Coração Cachorro” and says: “I’ll send bank details”* (playcrazygame.com), foi possível visibilizar a existência de certa controvérsia ao refrão da música brasileira em relação à música “*Same Mistake*”, gravada em 2007. Este fato além de despertar interesse dos alunos, (uma vez que na época, a música “Coração Cachorro” circulava fortemente entre as mais diversas mídias brasileiras), despertou também a curiosidade sobre a relação entre as músicas, levando para sala de aula discussões sobre plágio, assim como sobre polêmicas referentes à solicitação de direitos autorais por parte do cantor inglês, James Blunt.

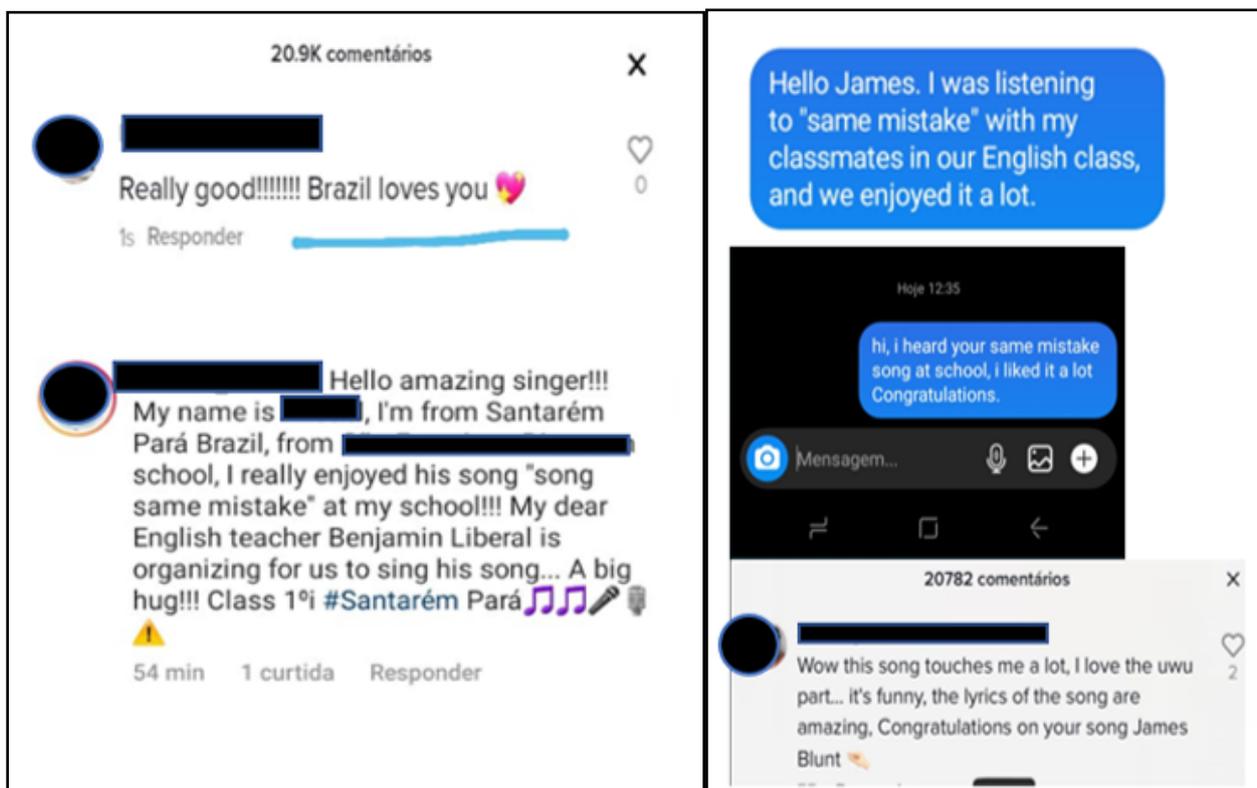
a música (organizado em estilo coral) acompanhado por uma banda formada pelos próprios alunos.

Esse conjunto de atividades desenvolvidas em aproximadamente 2 meses, mobilizou o uso das quatro habilidades pelos alunos (ouvir, escrever, ler, falar), bem como possibilitou a utilização da língua inglesa em articulação com atividades que se relacionam com as experiências dos jovens do ensino médio, como uso do celular, troca de mensagens em redes sociais, WhatsApp, participação de ensaios para apresentação musical, audição de músicas, visita ao You Tube.

Apesar dessas práticas parecerem estar condicionadas à posse de recursos financeiros que não correspondem à realidade de alunos da rede pública de ensino, este não foi o quadro visibilizado pelos pesquisadores, pois foi possível perceber a participação quase que unânime dos alunos de todas as três turmas em todas as etapas da proposta pedagógica, 112 alunos no total, (mesmo nas atividades que necessitavam de dados móveis de internet para sua realização).

Seguem exemplos de envio de mensagens que os alunos encaminharam para o cantor James Blunt por meio das redes sociais:

Figura 1 – Exemplos de mensagens encaminhadas ao cantor James Blunt por meio das mídias sociais.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos arquivos pessoais dos alunos disponibilizados ao professor de língua inglesa.

Conforme o professor recebia as imagens³ com os textos que haviam sido encaminhados ao cantor inglês, o docente produzia aulas que tratassem sobre as construções das frases elaboradas pelos alunos, (tempos verbais, estruturas textuais, vocabulário entre outros).

Por se tratar de práticas nas quais os alunos já estavam familiarizados (postar textos em redes sociais), realizar postagens nas redes sociais do cantor não representou grandes dificuldades aos discentes, por serem estas atividades frequentes em sua cultura juvenil, sendo apenas necessário ampliar os conhecimentos que os alunos já possuíam ao conhecimento do uso da língua inglesa.

³ Logo após os alunos postarem suas mensagens ao cantor, eles encaminham ao professor por meio de mensagem instantânea a imagem dos textos enviados.

Por meio das abordagens acima mencionadas, é possível perceber a necessidade de olhar para as juventudes e, muito além de dar visibilidade aos jovens e a sua cultura, se faz necessário ouvir o que eles têm a falar, como abordam Sousa e Vargas (2021, p. 51944)

Por isso se faz importante ouvir o aluno, para se ter acesso as suas experiências, ao modo como a sua cultura juvenil está articulada com o que é ensinado sobre língua inglesa na sala de aula atual, (ou se não está articulada)⁴.

Pensar essa articulação entre os conteúdos do currículo escolar e a experiência dos alunos desafia o docente, além de estar sensível a voz do aluno, a buscar conhecimentos teóricos que deem suporte sobre as juventudes e as práticas que permeiam sua cultura juvenil. Apesar do vasto conhecimento que o professor estuda durante sua formação universitária, parece que as teorias voltadas para o tema juventude não encontram espaço no percurso acadêmico do futuro docente, mesmo que se preveja que este futuro profissional irá se deparar em seu contexto de trabalho com “sujeitos jovens” de forma frequente e cotidiana.

Assim, pouco se é discutido sobre a juventude (na universidade e após ingresso no contexto escolar), o que em muitos casos (nos) direciona a tomar como verdades o que circula no senso comum. Ao apropriarmos dos aportes teóricos sobre as juventudes, pelo viés dos Estudos Culturais, logo de início passamos a entender esta categoria no plural “juventudes” (VARGAS, 2015; VARGAS e XAVIER, 2016), “em virtude da diversidade de situações existenciais que afetam os sujeitos” (SPÓSITO e CARRANO, 2007, p. 180), sendo inúmeras as formas de “se viver as juventudes” (GROPPO, 2017, p. 17).

São também afastadas as ideias de juventude que fixe ou categorize “o ser jovem” tomando a idade como parâmetro, desnaturalizando assim, a

⁴ Todas as traduções presentes neste texto são de responsabilidade dos autores.

cronologização do curso da vida e “colocando sob rasura as linhas que demarcam as entradas e saídas dessas ‘fases’”, (SOUSA e VARGAS, 2021, p. 51943).

Não se nega aqui os conceitos biológicos, mas passa-se a considerar a juventude como uma construção cultural (FEIXA, 1998; VARGAS, 2015; SILVA, 2021). Ou seja, a cultura passa a figurar maior importância para se entender essa categoria. Ainda assim, Margulis e Urresti (2000) nos advertem que para se tratar com mais profundidade a condição juvenil não se deve levar em consideração apenas os fatores biológicos, nem unicamente as relações sociais.

Margulis e Urresti (2000), nos apresentam potentes conceitos para entender as juventudes, dos quais é válido mencionar os conceitos de moratória social e moratória vital. De forma resumida, a moratória social poderia ser compreendida como um tempo no qual jovens com condições econômicas favoráveis teriam a oportunidade de adiar responsabilidades e situações da vida identificadas como pertencentes ao mundo adulto, tais quais: trabalho, constituição de família, filhos, responsabilidade financeira, para, em vez disso, passar por momentos de experimentações, ou continuidade dos estudos, sem preocupação. Retomam esse conceito Vargas e Xavier (2016), Groppo (2017), Dayrell (2003).

A moratória vital estaria ligada a energia vital que o jovem tem, que de certa forma daria a sensação de invulnerabilidade, de que a morte está longe ou de que esta “é improvável, pertence ao mundo dos outros, às gerações que os precedem no tempo” (MARGULIS e URRESTI, 2000, p. 20).

Outro expressivo autor no campo das juventudes se trata de Dayrell (2003, 2007). Esse autor nos convida a pensar as juventudes por meio de fatores históricos e culturais (DAYRELL, 2003). Dayrell (2007) chama atenção a três

pontos sensíveis para se compreender a condição juvenil, que são: “formas de expressão culturais” (a música, as danças, os vídeos, os corpos, bem como a produção dessas expressões); “sociabilidade” e a dimensão “tempo e o espaço”.

Quando pensamos sobre a relação entre o campo educacional e as juventudes, não podemos deixar de mencionar que até mesmo o próprio documento que orienta a elaboração do currículo brasileiro, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apresenta breve discussão sobre a condição juvenil e suas conexões com o contexto escolar (BRASIL, 2017).

Por fim, fazemos menção ao artigo de Nedel Oliveira (2021), que nos proporciona valioso mapeamento de publicações sobre o tema juventude, em revistas de Universidades Federais brasileiras, de classificação A1, durante os anos 2010-2019, e ao artigo de Tavares (2012), que nos apresenta um panorama teórico sobre os estudos de juventude realizados pela escola de Chicago e pelos Estudos Culturais, bem como sobre estudos iniciais ocorridos no Brasil, referentes ao tema.

Considerações finais

Destacamos a importância dos docentes da rede básica se apropriarem de aportes teóricos sobre as juventudes contemporâneas, uma vez que esta categoria corresponde a maior parte dos sujeitos que figuram como alunos na sala de aula. Considerando que essas juventudes são vividas de formas diferentes, destacamos a necessidade de os professores estarem mais sensíveis ao fato de que o sujeito que está presente na sala de aula se trata de um “jovem” e não de um “aluno” unicamente, ou seja, a escola não pode homogeneizar os discentes, desconsiderando sua condição juvenil. Ao invés disso, ela deve entender que esta identidade, “aluno”, é apenas uma entre tantas que o jovem possui, poden-

do assumir múltiplas facetas, contingentes, temporárias e até mesmo contraditórias (HALL, 2020).

Ao enxergar o jovem descolado de seus aspectos culturais (classe, pertencimento religioso, raça, gênero, estilo, entre outros), a maioria das escolas tendem a uniformizar este sujeito em uma única categoria, a de aluno. Talvez assim, seja mais eficiente para essa instituição educacional normalizar e hierarquizar padrões de condutas aos membros dessa categoria, pois

reduzindo ou suprimindo a condição juvenil deste aluno, torna-se mais fácil avaliá-lo, conceituá-lo, e colocá-lo em seus moldes, restando aos que não se encaixam, a exclusão, as rotulações, as transferências e as categorizações dentro do que é normal e anormal (SOUSA e VARGAS, 2021, p. 51942).

O que de fato não acontece uma vez que, em grande parte a cultura juvenil se impõe nos ambientes escolares (GVIRTZ e LARRONDO, 2006). Como bem aponta (MOMO, 2007, 2012), mesmo com poucos recursos financeiros, grande parte dos alunos transportam para dentro da escola artefatos como revistas, mochilas, roupas, mídias, cadernos, e até mesmo estilos que demonstram a inserção da cultura juvenil dentro da escola. Assim, a noção de aluno não deve ser fixada a critérios etários ou definida isoladamente, mas deve considerar condições mais amplas que envolvam contextos sociais e culturais.

Reconhecemos que os docentes que busquem trabalhar em sala de aula os saberes de seus alunos, advindos da experiência e das práticas diárias caminharão em solos instáveis, incertos, fugidios e inseguros. Porém, de algum modo, estes professores estarão se aproximando da resposta para a seguinte pergunta: Como se articula o que é ensinado na escola com as culturas juvenis contemporâneas?

Em relação à proposta pedagógica utilizada para a abordagem do uso da língua inglesa, é possível inferir que os alunos já estão inseridos em ambientes

e práticas sociais que demandam o uso dessa língua, como: séries, filmes, uso de aplicativos, jogos eletrônicos, mangás, revistas, leituras on-line, músicas, redes sociais, mensagens instantâneas, consultas em sites entre outros, sendo produtivo ao professor estar atento ao que os jovens já sabem ou ao que eles têm a dizer sobre suas experiências em torno da língua inglesa, experiências estas diretamente atravessadas pela sua condição juvenil.

Nesse sentido, seria válido o docente conhecer esses outros espaços de aprendizagem, sua frequência de uso e até lançar mão desses artefatos em seu exercício docente. Mas para que isso ocorra, o professor deverá estar pronto para se aproximar do aluno e de sua cultura para ouvi-lo e ter acesso as suas experiências, talvez assim, esse jovem tenha, de fato, algum protagonismo no cenário educacional.

Referências

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 13.415/2017, de 13 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm. Acesso em: 23 set. 2021.

DAYRELL, Juarez. O Jovem como Sujeito Social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?format=pdf>. Acesso em 05 jun. 2021.

DAYRELL, Juarez. A Escola “faz” as Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFS-zq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 05 jun. 2021.

FEIXA, Carles. **De Jóvenes, Bandas y Tribus**. Barcelona: Editora Ariel, 1998.

GWIRTZ, Silvana; LARRONDO, Marina. Repensando la relación entre educación, escuela y culturas contemporâneas. IN: SOMMER, Luiz Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**. Canoas: ULBRA, 2006. p.153-162.

GROPPO, Luís Antônio. **Introdução à sociologia da juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

KANASHIRO, Daniela Sayuri Kawamoto; MIRANDA, Ana Karla Pereira de. Espanhol, Presente! Discussão sobre o apagamento e a resistência do idioma em documentos oficiais. **Textura – Revista de Educação e Letras**, v. 22, nº 50, p. 289-308, abr/jun, 2020. Disponível em <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/5480>. Acesso em 14 fev. 2022.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 20 maio. 2021.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, Mario (Org.). **La juventud es más que una palabra**. 2 ed. Buenos Aires: Biblos, 2000. p. 13-30.

MOMO, Mariângela. **Mídia e consumo na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola**. 2007. 336 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2007.

MOMO, Mariângela. Infância e escola no espaço-tempo do consumo. In: KIRCHOF, Edgar Roberto; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Vorraber. **Estudos Culturais & Educação: contingências, articulações, aventuras, dispersões**. Canoas: Ed. Ulbra, 2012, p. 93-113.

NEDEL OLIVEIRA, Victor Hugo. Juventudes e Educação: estado da arte de publicações em revistas A1 de universidades federais brasileiras (2010 – 2019). **Revista Educar Mais**, 5(2), 358–372. Disponível em <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2279>. Acesso em 17 jun. 2021.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Tecnologias digitais para o desenvolvimento de habilidades orais em inglês. **DELTA**. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 34, p. 1319-1351, 2018.

SILVA, Isabela Dutra Corrêa da. Juventudes contemporâneas e cartografia: Possibilidades para pensar a pesquisa em educação. In GARBIN, Elisabete Maria; PRATES, Daniela Medeiros de Azevedo. (Org). **Juventudes Contemporâneas: emergências, convergências e dispersões**. Porto Alegre: Cirkula, 2021, p. 293-309.

SOUSA, Manuel Benjamin Monteiro Liberal; VARGAS, Juliana Ribeiro de. Rethinking youths in the high school context. **International Journal of Development Research**, v. 11, p. 51942-51945, 2021. Disponível em <http://www.journalijdr.com/rethinking-youths-high-school-context>. Acesso em 01 dez. 2021.

SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo. Juventude e Políticas Públicas no Brasil. In: FAVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reys. **Juventude e Contemporaneidade**. – Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. P. 179-215. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000154569>. Acesso em: 11. mai 2020.

TAVARES, Breitner. Sociologia da Juventude: da juventude desviante ao protagonismo jovem da Unesco. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 181-191. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/20683>. Acesso em: 17 mar 2022.

VARGAS, Juliana Ribeiro de. **O que ouço me conduz e me reproduz?: a constituição de feminilidade de jovens contemporâneas no espaço escolar da periferia**. 2015. 194 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2015.

VARGAS, Juliana Ribeiro de; XAVIER, Maria Luisa. Mídias musicais contemporâneas e juventude: consumo, permissividades e experimentações. **Revista Educação e Cultura Contemporâneas**, v.13. n. 31 (2016). Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/1939>. Acesso em 05 jun. 2021.